

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, FILOGIA E TEORIA LITERÁRIA**

Graciela Gomes Palacios

QUANDO A MORTE TRIUNFA
Trabalho e Alienação em *O Triunfo da Morte*

Porto Alegre – RS

2013

Graciela Gomes Palacios

QUANDO A MORTE TRIUNFA
Trabalho e Alienação em *O Triunfo da Morte*

Monografia de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Barros de Brito Junior

Porto Alegre – RS
2013

Graciela Gomes Palacios

QUANDO A MORTE TRIUNFA
Trabalho e Alienação em *O Triunfo da Morte*

Monografia de conclusão de curso de graduação apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Licenciada em Letras.

Data de aprovação: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Porto Alegre, xx de xxxx de 2013.

AGRADECIMENTOS

Devo a conclusão desta importante etapa da minha vida a pessoas e instituições admiráveis, a quem agradeço de coração.

Aos meus pais, Edison e Cecília, pelo apoio, desde sempre, em todas as esferas da minha vida.

À minha irmã, Caroline, por estar sempre disposta a me ajudar, apesar de suas dificuldades cotidianas.

Ao meu irmãozinho, Denilson, por ser tão meu amigo.

Ao meu irmão Jeferson, por ser um ótimo filho e enteado.

Ao meu esposo, Quel, pelo amor insistente e companheirismo.

À minha amiga e companheira, Carine, e ao seu namorado, Éverson, que hoje, além de grandes amigos, são meus padrinhos de casamento.

À minha amiga, Natieli, por estar sempre ao meu lado.

À minha avó Natalina, que não vai estar na minha formatura, sentada em uma cadeirinha, como eu sempre imaginei.

Aos camaradas com que compartilho do mesmo horizonte histórico, sob a bandeira do socialismo.

À colega de curso e amiga, Hellena, pelos momentos agradáveis e todos os outros.

À Maíra, por se tão Maíra.

À colega de curso e amiga, Jéssyca, por ser tão doce.

À Comissão de Formatura.

Ao professor Antonio, pela orientação e incentivo, que me ajudaram tanto neste trabalho de conclusão.

À professora Laura e ao GTFH, pela aproximação com o aporte teórico que fundamentou este trabalho.

Ao DEDS, por fomentar em mim o desejo de estudar mais e lutar pela Educação das Relações Étnico-Raciais; algo que mudou a minha vida.

À professora Ingrid, pela orientação no estágio do ensino fundamental.

À professora Vilma, pela recepção na Escola Sylvio Torres.

À professora Dinorá, pelo acolhimento no Colégio Padre Rambo.

A todos os meus alunos dos estágio obrigatórios e do Projeto Mais Educação na Grande Cruzeiro.

À minha colega de trabalho e amiga, Rochelle, pelo apoio, paciência e compreensão.

À UFRGS, por ser o espaço que tanto colaborou com o meu desenvolvimento como pessoa e profissional.

Por fim, dedico essa conquista a todas as pessoas não tiveram ou não têm a oportunidade de estudar em uma Universidade como a UFRGS.

"Se só viemos ao mundo para ser um dia gente grande, logo as ideias pré-fabricadas se alojam facilmente em nossa cabeça, à medida que ela aumenta. Essas ideias, pré-fabricadas há muito tempo, estão todas nos livros. Por isso, se a gente se aplica à leitura ou escuta com atenção os que leram muito, consegue ser bem depressa pessoa importante, igual a todas as outras. É bom notar que há ideias pré-fabricadas a respeito de qualquer coisa, o que é bastante prático, permitindo-nos passar facilmente de uma para outra."

Maurice Druon

RESUMO

O presente estudo analisa *O Triunfo da Morte* (1981), de Augusto Abelaira, sob a luz do universo de representações criado na narrativa. Em um discurso que dialoga com a ciência, a filosofia e a história, Abelaira traz os desencantos e o aprendizado que sua geração pôde sintetizar entre o saber acumulado e a realidade da época. Dessa forma, cria uma narrativa que conta com a combinação entre fantástico e alegórico, como recurso literário, para delinear o que chamamos de esquema de representações da sociedade do trabalho. A nós interessa, especialmente, o diálogo travado com o materialismo histórico-dialético, mais especificamente, os conceitos de **trabalho e alienação**.

Palavras-chave: Augusto Abelaira, *O Triunfo da Morte*, materialismo histórico-dialético, trabalho e alienação, fantástico e alegórico.

ABSTRACT

The current research analyses *O Triunfo da Morte* (1981), by Augusto Abelaira, down the influence of the universe of representations created in the narrative. In a speech that dialogues with the science, the philosophy and the history, Abelaira brings the disenchantment and the learning that his generation can synthesize between the accumulated knowledge and the reality of the time. These way, he creates a narrative it counts with the combination between fantastic and allegorical, like literary device, to underline what we call scheme of representations of the labor society. We are interested, specially, in the dialogue he has with the historical and dialectical materialism, especifically, the concepts of **work** and **alienation**.

Keywords: Augusto Abelaira, *O Triunfo da Morte*, historical and dialectical materialism, work and alienation, fantastic and allegorical.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O TRABALHO PARA O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO DE MARX, ENGELS E LUKÁCS.....	12
3. O TRABALHO NO SEU CARÁTER ONTOLÓGICO.....	15
3.1 A dupla face do trabalho no sistema capitalista.....	16
4. ALIENAÇÃO DO TRABALHO.....	18
4.1 A exploração do trabalho.....	18
4.2 O aparato ideológico da dominação.....	19
5. O <i>TRIUNFO DA MORTE</i> – ENREDO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	21
5.1 Introdução ao romance.....	21
5.2 O Narrador.....	22
5.3 Panorama Intelectual.....	22
5.4 Ser Morte.....	24
5.5 A crítica à sociedade do consumo.....	29
6. ALIENAÇÃO DO TRABALHO, VIDA E SUA DESTRUIÇÃO EM O <i>TRIUNFO DA MORTE</i>	31
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
8. REFERÊNCIAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

Augusto Abelairanasceu em 18 de março de 1926, em Ançã (Cantanhede) e faleceu em 4 de julho de 2003, no Hospital das Descobertas, em Lisboa. Licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas, foi professor e romancista. Como jornalista, fez parte do Jornal das Letras e foi diretor das revistas Seara Nova e Vida Mundial, além de ser diretor de programas da RTP¹. Em 1963, ganhou o Prêmio Ricardo Malheiros da Academia das Ciências, com o romance *As boas intenções*. Em 1979, ganhou o Prêmio Cidade de Lisboa com o romance *Sem teto entre ruínas*. Em 1997, foi distinguido com o Grande Prêmio de Romance e Novela com o Romance *Outrora agora*. Deixou uma vasta obra que, de certa forma, contribuiu com uma intensa e contestadora produção literária para a almejada e aclamada renovação social e política de Portugal.

Dentre sua bibliografia, foi precisamente o seu primeiro trabalho que o consagrou como escritor: *A cidade das flores* (1959). Peculiarmente, esse primeiro romance de Abelaira foi lançado numa edição de autor, uma vez que todas as editoras contatadas recusaram-se a publicá-lo. Cidadão militante, crítico e engajado na luta contra o regime salazarista, participou de movimentos estudantis oposicionistas, sendo preso em 1965, por ter concedido a qualidade de presidente do júri do Grande Prêmio da Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores ao angolano José Luandino Vieira, que, antes, fora preso em Tarrafal, por seu trabalho *Luuanda*. Essas atividades levaram a PIDE² a impedi-lo de lecionar no ensino particular.

Ainda compõem a bibliografia de Abelaira os romances *Os desertores* (1960), *Enseada amena* (1966), *Bolor* (1968), *O bosque harmonioso* (1982), *O único animal que?* (1985) e *Deste modo ou daquele* (1990); o livro de contos *Quatro paredes nuas* (1972); e as peças de teatro *A palavra de ouro* (1961), *O nariz de Cleópatra* (1962) e *Ode (quase) marítima*. Por fim, há o livro póstumo, lançado por familiares, *Não só, mas também* (2003).³

Esta Monografia tem o intuito de analisar *O Triunfo da Morte* (1981), mais

¹ Rádio e Televisão de Portugal

² Polícia Internacional de Defesa do Estado

³ CARRIÇO V. Agripina. 11 Instituto Camões. Localização eletrônica: <http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/basestematicas/figuras-da-cultura-portuguesa.html>

precisamente, o modo como aparece o processo de alienação no referido romance, desvelando os conceitos marxistas de *trabalho* e *alienação* nele inscritos. No texto, estas relações se dão à medida que, no romance, "matar" aparece como trabalho e "ser morte" como emprego, e as mortes não apenas não têm noção da totalidade do produto do seu trabalho como este se lhes torna hostil.

Para tanto, iniciamos por uma breve revisão teórica que apresenta alguns conceitos do materialismo histórico pertinentes para desenharmos o esquema de representações da sociedade do trabalho no texto ficcional. Nos capítulos iniciais abordamos o trabalho no seu caráter ontológico e, logo, sua dupla face no sistema capitalista. Depois explanamos o processo de alienação para mostrar em um momento posterior como essas relações são estabelecidas em *O Triunfo da Morte*. Faremos também outras conexões conforme o texto nos permitir; para nos aprofundarmos nas questões centrais, contamos com o suporte de outros conceitos do pensamento marxista que complementam as afirmações aqui feitas. Conforme a narrativa nos lança desafios de análise, vão se delineando outros pontos interessantes, como a combinação entre fantástico e alegórico, a estética fragmentária e a metanarração. Estes aparecem como recursos preciosos na feitura das personagens e no desenrolar da trama.

Para não correr o risco de apenas "encaixar" a análise em um conjunto de pressupostos teóricos, iniciamos apresentando o tema central em um bloco em separado, recortados os conceitos que mais nos importam. Depois seguimos lançando mão de referenciais conforme nos envolvemos com a narrativa, até que, em vias de finalização, vamos promovendo encontros entre os diversos tópicos da análise.

2. O TRABALHO PARA O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO DE MARX, ENGELS E LUKÁCS

Para o materialismo histórico-dialético, foi através do trabalho que o homem transcendeu a sua condição de primata, ou seja, foi a partir da atividade material de manutenção da vida que o homem passa a ter uma vida social além de uma vida meramente biológica. A fim de reproduzir-se, o ser humano age em um processo impulsionando, regulando e controlando seu intercâmbio material com a natureza.

Dessa forma, o trabalho é a categoria fundante da vida humana, instrumento de mediação entre o homem e a natureza, produzindo diretamente os objetos de uso, como, por exemplo, roupas, alimentos, e indiretamente, as instituições de uma estrutura social condizente com a forma de trabalho. Portanto, ao criar o gênero humano, o trabalho organiza a sociedade e esta é determinada pelo modo como ele se dá. Constituídas as sociedades humanas, estas se tornam articuladoras de seu articulador. Esta relação, segundo Gomes (2013), é a forma histórico-concreta do trabalho, que, então, já não pode ser analisado apenas em sua forma material, mas também carece de uma análise que englobe o seu produto social.

No texto *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem*, Engels argumenta que a mão e o cérebro do homem cresceram juntos, daí o desenvolvimento intelectual do homem estar tão ligado à atividade material dentro desta linha teórica. O início do texto atribui a produção de riqueza ao trabalho, que, aplicado a um objeto com determinado fim e com os meios adequados, será capaz de fazer tal conversão, sendo este caminho a própria condição da vida humana.

O trabalho é a fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E em tal grau que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem. (ENGELS, 1876, p. 4.)

O fato de buscar a produção e a reprodução da própria vida por meio da ação

do trabalho resulta, antes da capacidade física, de uma projeção daquilo que será necessário para suprir determinada necessidade, de uma posição teleológica. Só é possível para o homem realizar trabalho diante da existência de uma posição teleológica, ou seja, ele realiza trabalho não por instinto, mas por experimentar algo que sua mente pôde antecipar por meio de sugestão. Um exemplo bastante conhecido para a distinção entre homens e animais é o que Marx usa em *O Capital* para diferenciar a abelha e o arquiteto. É pela capacidade de prévia ideação que o arquiteto pode imprimir ao objeto a forma mais adequada e inclusive criar instrumentos que lhe ajudem a obter o resultado desejado. Tal atividade que para o homem é possível por ser teleologicamente concebida, para a abelha seria impossível se ela não fosse biologicamente preparada para a construção da colmeia.

Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador. (MARX, 1867⁴)

Para Lukács (1968), o trabalho é formado por posições teleológicas que desencadeiam séries causais, em cada oportunidade; ao contrário da causalidade, que representa a lei espontânea⁵ na qual todos os movimentos de todas as formas de ser (não apenas do ser social) encontram uma expressão geral.

A problematização disso vemos nas palavras do autor:

As filosofias anteriores, não reconhecendo a posição teleológica como particularidade do ser social, eram obrigadas a inventar, por um lado, um sujeito transcendente, e, por outro, uma natureza especial onde as correlações atuavam de modo teleológico, com a finalidade de atribuir à natureza e à sociedade tendências de desenvolvimento de tipo teleológico. (LUKÁCS, 1968, p. 6)

⁴ MARX, Karl. *O capital*. 1867. Localização eletrônica:
<http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/index.htm>

⁵ O que projetava a teleologia para além da humanidade, para uma “esfera divina”.

A atribuição da posição teleológica ao processo de trabalho de ordem natural ou social, de conjunto, é oposta ao método materialista de análise e, portanto, corresponderia a resultados diferentes dos propostos por esta teoria quanto ao desenvolvimento histórico e econômico da humanidade; pois, nela, a categoria do trabalho é central. A ruptura com a ideia de finalidade do processo é um dos elementos definidores da ontologia lukacsiana do ser social. A suposição de uma destinação do processo de trabalho se configurava enquanto uma concepção a-histórica e, por isso, fértil para a produção e reprodução de falsas ideias. Foram formuladas muitas teorias que carregavam, por exemplo, ideias equivocadas que pressupunham o progresso como um objetivo a ser atingido pelo processo de trabalho em seu sentido global. O progresso com certeza é uma síntese das atividades humanas, mas não segue um sentido teleológico, pois para isso deveria contar-se com uma mente como a humana em um plano “superior” e sem nenhum limite.

Outro problema sobre a questão da posição teleológica tem a ver com a totalidade do processo de trabalho, ainda individualmente: se por um lado o homem pode realizá-lo por antever alguma ideia do produto e pode também agir conscientemente em prol da obtenção de resultados; por outro, sabe que por diversas circunstâncias desconhece a totalidade das condições e das possíveis consequências. Porém, isso não o impede de fazê-lo, nem o torna menos capaz, uma vez que, ao carecer, o homem é motivado a produzir valor de uso, ainda que em desvantagem, sob pena de não poder reproduzir sequer a própria vida.

3. O TRABALHO NO SEU CARÁTER ONTOLÓGICO

Pela ação consciente do trabalho o ser humano cria e recria sua vida física e biológica em primeiro plano, mas logo também a sua vida sociocultural que compreenderá a esfera estética, simbólica e afetiva. Por isso, antes de tudo, é por meio do trabalho que a humanidade atende às suas múltiplas necessidades, sendo esta a sua dimensão ontológica. Dessa forma, ele é humanamente imprescindível.

O trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem - quaisquer que sejam as formas de sociedade – é necessidade **natural** e **eterna** de efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana. (MARX, 1975, p. 50 , grifos nossos).

A ontologia do trabalho é subdividida em duas outras dimensões, distintas, porém articuladas: uma como mundo da necessidade e outra como mundo da liberdade. O mundo da necessidade está subordinado à produção e reprodução da própria vida, já o mundo da liberdade é variável de acordo com as condições materiais em que o mundo da necessidade se realiza, a este corresponde, por exemplo, o trabalho criativo. A relação entre esses dois mundos é historicamente condicionada e variável.

Para Gaudêncio Frigotto (2005), por ser elemento criador da vida humana, o trabalho constitui-se em um dever e um direito.

Um dever a ser aprendido, socializado, desde a infância. Trata-se de apreender que o ser humano - como ser natural necessita elaborar a natureza, transformá-la, e pelo trabalho extrair dela bens úteis para atender às suas necessidades naturais e socioculturais. (FRIGOTTO, 2005, p. 15)

Da especificidade do trabalho, de ser uma atividade desde sempre necessária, deriva a dimensão do trabalho como *princípio educativo*, que por isso deve ser “aprendido, socializado, desde a infância”. O que não tem nada a ver com a exploração capitalista do trabalho infanto-juvenil, mutilador da vida, mas com educar

as crianças a partilharem das tarefas compatíveis com a sua idade, inspirando o cuidado com a vida pessoal e a vida coletiva. A criança ao não socializar esse valor torna-se o que Gramsci (2001) denominou *mamíferos de luxo*, achando natural que os outros trabalhem por ela.

3.1 A dupla face do trabalho no sistema capitalista

[...] o trabalho se tornou não só no plano das categorias, mas na própria realidade, um meio de criar a riqueza em geral e deixou enquanto determinação de constituir um todo com os indivíduos, em qualquer aspecto particular. (MARX, 1977, p. 222)

Ao estabelecer essa relação de autocriação do homem por meio do trabalho, Marx extrai dela suas consequências para o desenvolvimento histórico da humanidade. É com o desenvolvimento histórico que o trabalho assume características especiais, estudar esta divisão é estudar a história das sociedades.

[...] cada etapa da divisão do trabalho determina também as relações dos indivíduos entre si, no tocante ao material, ao instrumento e ao produto do trabalho. (MARX e ENGELS, 1972, p. 20 - 21).

Em *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, o trabalho é abordado sob duas acepções: a primeira, particular, como já tratamos, uma atividade produtiva de importância vital para a humanidade; a segunda, geral, na forma de exploração capitalista.

Ao vender a sua força de trabalho e produzir coletivamente a riqueza que sofrerá apropriação privada, o trabalhador vê o resultado do próprio trabalho transformar-se em um objeto que ele, se puder, só poderá adquirir com tremendo esforço. Assim, torna-se pobre a vida interior do proletário, tanto pelo embrutecimento que acaba sofrendo pelo ritmo de trabalho, quanto pelo sentimento de impotência diante do mundo de objetos criados por ele mesmo. É dessa forma que o trabalhador arruína seu espírito, é infeliz e não desenvolve livremente as

suas energias esgotando-se fisicamente em uma atividade exterior a ele sob pena da fome. O momento do *estranhamento* no trabalho coloca-se entre o homem e a sua atividade, no desgastar de sua força, criatividade e inteligência. O trabalhador não tem nitidez disso, mas lhe acompanha a insatisfação por já não pertencer a si mesmo, ao incorporar suas energias ao objeto que pertencerá ao capital.

A esse processo, no qual o objeto produzido assume uma existência independente de seu produtor, convertendo-se em força hostil e contrária a ele, Marx chamou *alienação*.

4. ALIENAÇÃO DO TRABALHO

No sentido em que lhe é dado por Marx, [alienação é a] ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). (BOTTOMORE, 2001, p.5)

4.1 A exploração do trabalho

O trabalho distingue-se enquanto ação exclusivamente humana, além da posição teleológica, pela capacidade de produzir excedente. Porém, a categoria “produto excedente” ainda não estava explicitada no limiar do desenvolvimento histórico, quando o homem começou a realizar trabalho. Portanto, todos os homens que formavam uma comunidade primitiva precisavam trabalhar, inexistindo então classes sociais. Neste período histórico, as objetividades do homem se limitavam à transformação de objetos naturais em valores de uso. Com a explicitação da categoria produto excedente, surgem as classes sociais, e, com isso, nem todos precisam trabalhar e as objetividades sociais não se restringem mais às demandas naturais, pois agora há transformação de objetos em valores de uso e de troca.

Na história da humanidade, o trabalho assumiu predominantemente um lado negativo em oposição à sua dimensão ontológica, a face mutiladora da vida do ser humano, a exploração por meio do trabalho escravo ou alienado. Desde o século XVIII, a ampla maioria das sociedades regula o trabalho através das relações capitalistas. Estas relações consistem num modo de produção da vida humana que se constituiu em oposição ao modo de produção feudal. A partir do surgimento da propriedade privada dos meios e instrumentos de produção, decorre a acumulação de capital, que caracteriza o modo de produção capitalista. Meios e instrumentos de produção são considerados propriedade capitalista à medida que não têm apenas

valor de uso ou subsistência, mas que são destinados à exploração da mão-de-obra de outrem com a finalidade de gerar riqueza para acumular capital. Para estruturar-se, contudo, além de dar origem à propriedade privada, precisava também acabar com o trabalho escravo⁶, ter à disposição homens livres e não-proprietários. É então que surge o trabalho/emprego, quando homens não sendo nem proprietários, nem propriedade, necessitam vender sua força de trabalho para sobreviver, e esta passa a ser mercadoria sob o capitalismo. A centralidade do trabalho é disputada entre o ser valor de uso e o ser valor de troca, uma vez que ele já não serve apenas para garantir a existência do homem, mas agora também a única mercadoria capaz de incorporar a um valor maior às mercadorias produzidas.

Com o trabalho assalariado poucos - os possuidores de meios e instrumentos de produção - podem acumular riqueza com o trabalho de muitos - dos que não os possuem. A única coisa que estes muitos possuem é a força de trabalho que é vendida, e, com ela, a produção coletiva. Sendo assim, o trabalho assalariado não é alienado somente pela falta de noção e controle que o trabalhador tem da sua ação; é alienado também pelo lucro que o patrão tem com a força de trabalho comprada e porque fica escondido o sentido de direito enquanto dimensão ontológica.

Por meio do contrato de trabalho, o trabalhador transfere ao patrão o seu direito de propriedade sobre a riqueza que produz, o salário que recebe não passa de uma parte ínfima pelo tempo em que empregou sua força de trabalho na produção de bens ou serviços. Graças ao lucro e à mais-valia, o capitalismo tem o salário como consequência, pagando pela força de trabalho que o trabalhador despende durante sua jornada. Enquanto o lucro é determinado pelos preços das mercadorias, o salário independe disso; ao contrário, será mais em função do aumento do lucro do que de qualquer outra coisa, não chegando a atender às necessidades e interesses dos trabalhadores, na maioria das vezes. Portanto, o trabalhador não ganha conforme produz; ele perde. Quem tende a ganhar conforme a produção é o capitalista, mas também não é só da produção que depende o seu ganho, pois seu ganho total depende também das relações do mercado.

4.2 O aparato ideológico da dominação

⁶ Embora saibamos que ainda hoje existe trabalho escravo.

Para a manutenção de uma determinada ordem social, que represente a dominação de uma classe sobre outra, é necessário um conjunto de ideias e valores universais, mas que garantam que os dominados permaneçam sendo dominados e os dominadores, dominadores. Assim, no capitalismo, a ideologia da classe dominante tem a função de controlar a classe trabalhadora, mas isso acontece à medida que a classe explorada assimila esses valores da classe exploradora como seus. O fim do trabalho escravo, que é em si uma coisa positiva, contribuiu para que a classe capitalista pudesse construir ideologicamente uma positividade do trabalho, ainda que explorado, e um julgamento moral, fundamentais para a manutenção da nova ordem social. As pessoas podem até gostar do seu trabalho ou ter um emprego porque precisam trabalhar, mas trabalham principalmente porque quem trabalha é pessoa digna e confiável. Com isso, o contrato de trabalho é, dentro da ideologia capitalista, um acordo justo e feito nas mesmas condições, enquanto, na verdade, é assinado em uma relação de classe profundamente desigual. Os níveis dessa exploração legalizada variam de acordo com as leis de cada país, ou região, mas o principal determinante dessa variação, com certeza, é o histórico de organização dos trabalhadores em cada um desses lugares.

O trabalhador torna-se proporcionalmente mais pobre quanto mais riqueza produz, com a valorização das coisas que produz, desvaloriza-se a sua vida, a vida da classe como um todo. Na esfera da *economia política*⁷, a não realização do trabalhador enquanto homem está na realização do trabalho.

É na natureza que o trabalho se realiza, por meio dela o homem produz; por isso, a natureza é a matéria do trabalho humano. Por conseguinte, ela é diretamente o meio de subsistência do ser humano, enquanto instrumento imediato de sua atividade vital. Com a propriedade privada, é cortada a relação direta do homem com a natureza, do ponto de vista da necessidade de um processo contínuo de troca que deve ser mantido entre os dois para a sobrevivência do homem. Interrompida essa relação, a reprodução da vida humana é atravessada pela propriedade privada de forma que alguém que produz alimentos pode passar fome e todo tipo de bens e serviços produzidos pelos trabalhadores pode ser inacessível a eles próprios.

⁷ Para uma consulta mais aprofundada indicamos o conceito de *economia política* em BOTTOMORE, 1988, p. 118.

5. O TRIUNFO DA MORTE – ENREDO E ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

5.1 A introdução ao romance

A narrativa começa já no capítulo 2, falando do capítulo anterior, que não existe. Logo vem o capítulo 3, como um “recomeço”, uma nova forma de começar a história. Neste novo começo, o narrador inicia contando um fato marcante de seus primeiros anos de liceu: a morte de seu amigo Carlos Manuel, bem como suas circunstâncias singulares. Os dois amigos disputavam uma corrida quando Carlos Manuel cai, bate com a cabeça em uma pedra e morre. Algum tempo depois, o narrador começa a refletir sobre o fato de ter convidado o amigo e então sente recair-lhe uma parcela de responsabilidade. Tal reflexão fora provocada pelo acontecimento de uma nova morte marcante, que também o faz sentir-se culpado: a de Maria Luísa. A amiga, ao vê-lo do outro lado da rua, é atropelada ao tentar atravessar a rua para cumprimentá-lo.

No capítulo 4, começa a falar sobre as motivações que o levam a escrever. Este ponto marca o início de uma importante característica do livro: a metanarração. É relevante apontar que nesse momento o narrador começa a desenhar a tríade autor-texto-leitor numa relação em que o autor escreve para si e para alguém e, nesse ato, seu interesse pelo leitor é o de quem busca por cúmplices, para mais adiante chegar a um ponto em que o autor afirma que é o próprio leitor quem escreve. Ou, melhor dizendo, a leitora, pois ao longo do texto o diálogo com o leitor vai conformando uma leitora dotada de características bem específicas, desde físicas até psicológicas.

Dessa forma, o capítulo 4 funciona como uma espécie de introdução, anunciando que o romance trata-se de uma metanarrativa e revelando a opção pela estética fragmentária própria do pós-modernismo, além de anunciar também sobre o pertencimento do protagonista a uma sociedade secreta, parte fantástica e essencial para o desenvolvimento de toda a trama.

A não-linearidade é apontada pelo narrador como uma tática para mexer com a expectativa do leitor. É justamente por esta característica que de agora em diante abandonamos a recuperação dos fatos capítulo a capítulo, mas longe de tentar

atingir uma linearidade, mais no sentido de recuperar a história em favor desta análise.

Ainda sobre a narração fragmentária, comparando seu texto a uma sinfonia, o narrador declara que a morte de seus amigos é o “tema essencial” (ABELAIRA, 1981, p. 9). Essa reflexão aponta a centralidade da morte para o enredo, o que coloca o trabalho como central de acordo com a comparação que fazemos. Dessa maneira, os temas centrais da trama e da análise convergem. Mais precisamente, o tema da morte como uma função que é exercida pelo narrador, o ser Morte como um ofício. Em face disto trazemos o que representa a categoria trabalho para o materialismo histórico-dialético e apresentamos um esquema de representações no qual a Morte é o Operário.

Retomando a ideia da sinfonia, os outros temas são os sons que contribuem para a harmonia do todo. Estes outros são um recorrido entre a arte, o amor e a política.

5.2 O Narrador

O narrador de *O Triunfo da Morte* é também o protagonista do romance, este não se apresenta pelo nome e; por isso, o chamaremos simplesmente de *narrador* ou *protagonista*. Para tanto, é necessário delimitarmos quem é esse narrador e protagonista, sob pena de fazermos alguma referência estéril de sentido.

O narrador do romance em questão se constitui enquanto protagonista e autor ficcional. Ao ocupar o lugar de personagem principal, ele narra os fatos em primeira pessoa, transmitindo, por meio de um diálogo direto com o leitor, a emoção que sente por conta dos acontecimentos inusitados. No âmbito da metanarração, o protagonista cumpre o papel de autor dentro da ficção e, enquanto personagem de autor, materializa o leitor, a quem faz consultas e blefes no jogo de linguagem do seu fazer literário.

5.3 Panorama Intelectual

De um jovem que tem seus flertes com a militância por justiça social a burguês

convicto na fase adulta, por vezes insensível e que em muitos momentos manifesta receio de estar tornando-se reacionário, a personagem principal complexifica a cena das representações sociais. A multiplicidade de atores sociais em uma única personagem nos dá um panorama dos anseios intelectuais da pós-modernidade. A perda de credibilidade nas grandes correntes teóricas, bem como a ampla gama de questionamentos referentes a elas, faz com que qualquer orientação teórica pareça juvenil. Isso porque nesse momento já não há nenhuma teoria de tal ordem que possa responder à complexidade dos problemas vigentes sem deixar lacunas não previstas de acordo com a ciência da época em que foram elaboradas. Junto à derrubada dessas orientações teóricas, a pós-modernidade também relega a um plano inferior as suas figuras, os intelectuais que foram seus principais articuladores.

Para Habermas (1987), já não é mais o trabalho que organiza a sociedade. A vida cotidiana, o espaço vital e o modo de viver determinam a vida social muito mais do que a produção. A sociedade, o Estado e os indivíduos, portanto, já não teriam no trabalho a referência central para a sua existência. É nesse contexto que se insere a discussão sobre o suposto “fim da sociedade do trabalho” que consideraria a política e o sujeito como os novos ordenadores da vida social e do Estado, em detrimento da esfera produtiva.

Na trama, muitos “heróis” tiveram a sua desconstrução durante a estada da personagem em Paris, onde fora parar mandado pelo pai. Influente industrial, seu pai o manda para a França quando, nos tempos de estudante, envolve-se com grupos de tendência guerrilheira que planejavam – e apenas planejavam – atentados contra o Salazar. Ainda que protestando, não é contra a sua vontade que vai para Paris, afinal tem admirações pela cidade e quanto à militância fica explícito que era um diletante. Porém, morando em Paris, suas expectativas culturais e filosóficas quanto à cidade são quebradas ao vivê-la como um parisiense e não como um estrangeiro.

A volatilidade de valores e a quebra de paradigmas são um destaque na forma como aparecem as memórias da ditadura salazarista, ou a sua herança, pois é como se os gestos históricos empenhados na luta contra o Salazar houvessem sido em vão. E com a distância temporal acredita-se que as lesões físicas e morais tanto não valeram a pena como foram inúteis no processo de abertura do regime. É

forte a ideia de que o decorrer da história independe de agentes históricos conscientes. O que, no plano fantástico, aparece de forma completamente inversa. Embora esteja instalado no texto o caos dos pressupostos teóricos que abre a pós-modernidade, é a dúvida quanto à (in)eficácia do ideal socialista que traça um paralelo entre a parte fantástica e a que pode ser aceita tendo-se como base a realidade empírica e que, portanto, é central em nossa análise.

5.4 Ser Morte

Abelaira constrói uma trama assentada no elemento fantástico, e, para tanto, utiliza-se de recursos que nos passam credibilidade ao entrelaçá-lo à realidade empírica e afirmar, enquanto narrador e, em alguns momentos de maneira categórica, que em seu texto não há alegoria. Portanto, a hesitação, entendida por Todorov (2010) como o campo expressivo do fantástico, acontece no nível da produção e da recepção, estando os recursos metanarrativos a serviço de tal efeito por parte do autor e não do narrador.

Para Simões (2010),

O elemento fantástico adquire na obra de Augusto Abelaira um papel primordial, já que o autor dispõe, na feitura de suas personagens, recursos retórico-científicos racionais, dentro de um universo irônico para convencer o leitor de um advento e de um acontecimento inusitado para a realidade empírica. (SIMÕES, 2010, p. 80)

Temos o capítulo 64 como ponto alto dessa hesitação. Ele tem início com a chegada ao local onde ocorre a reunião periódica das MorteS.

Uma voz me dizia: <<Vem!>> E vou. Subo umas escadas intermináveis, trepam pela encosta uma vegetação rica, alguns ciprestes, a torre duma igreja, degrau a degrau, cada vez mais lá em baixo, em pequeno cemitério, o lago ao fundo. Morcotte? De repente a vegetação cerra-se, mergulho na escuridão, tacteio às cegas, abre-se uma porta, um imenso corredor, um anfiteatro, no

palco uma grande mesa, sentados a mesa uma vintena de mascarados. Levo as mãos ao rosto, eu próprio mascarado. Não só eu, todos os assistentes. A ideia inicial de que se trata da conferência de imprensa de uma organização clandestina. Ou de um sonho. [...] (ABELAIRA, 1981, p. 67)

O capítulo segue descrevendo o lugar, os acontecimentos e uma série de testes que o protagonista realiza para se certificar se está ou não sonhando. Os testes, muito em consonância com a concepção mais comum que se tem dos sonhos, estão ligados aos cinco sentidos.

[...] Belisco o braço para saber se dói. E dói. Sento-me num lugar vazio, tacteo a cadeira, interessado em tirar a limpo se ela resiste ou não aos meus dedos, se é feita de madeira autêntica ou da outra (da outra!) a matéria de que se fazem os sonhos, cheiro um ramo de flores, procuro ouvir as palavras atentamente desejando assim multiplicar as impressões, a simultaneidade dos meus sentidos, se um deles pode enganar-me, parece mais difícil enganarem-me todos, harmonizarem-se sem contradições. Cheira a rosa a rosa, em vez de cheirar a batatas fritas? E vejo a cena a cores. Nunca sonho a cores, penso. (ABELAIRA, 1981, p. 67 - 68)

Através da constituição dos elementos fantásticos, Abelaira vai criando um imaginário confortável para assentar os elementos críticos em forma de alegoria. Ao passo que os fatos surpreendem a personagem, o leitor também vai se surpreendendo. E é dessa maneira que ele vai ganhando confiança na narrativa.

Retomando os acontecimentos que sugerem uma homologia entre a Morte e o protagonista, percebemos que a terceira morte acontece, no capítulo 26, quando um homem, ao tentar assaltá-lo, reconhece-o como Morte. A fim de livrar-se, oferece a filha em seu lugar. Sem entender o que está acontecendo o narrador pensa que o homem oferece a virgindade da filha, acaba por negar a proposta e vai embora. No outro dia, resolve voltar e se depara com um velório.

Confundindo-me com a Morte, oferecia-me a vida da filha em troca da vida dele.

Corri, fugi àquela voz dilacerada, gritando que tinha várias mulheres para alimentar, dizia-se mais preciso do que a filha – embora berrasse com violência, ninguém aparecia à janela, a rua mantinha-se estranhamente deserta, ensombrada por uma luz mortiça.

No dia seguinte, como quem não quer a coisa, passei por lá. A porta aberta, muita gente. Consegui entrar, acotovelando este e aquele, um quarto térreo. Morto, estendido na cama. À cabeceira chorava uma rapariguinha de treze ou catorze anos, ignorante da espécie de malandro de pai que lhe coubera em sorte – e sozinha, nem sequer seria verdade a conversa da grande família para susentar, muitas mulheres, muitos filhos. (ABELAIRA, 1981, p. 24)

O funeral do homem lhe faz recordar a morte dos amigos Carlos Manuel e Luísa, no capítulo seguinte:

Recordei-me novamente do Carlos Manuel e da Luísa. Coincidências? Coincidência que se acumulavam. Senti um calafrio. (*ibidem*)

A quarta fatalidade que o narrador nos relata é a morte da esposa Patrícia, com quem se casa por amor um pouco depois de retornar a Portugal. O casamento dura cerca de dois anos, até que, após um desentendimento, o casal vai até Belém, um lugar onde viveram bons momentos, e lá ocorre mais um atropelamento. A morte da esposa o faz indagar-se sobre um possível risco de alguém lhe ser próximo.

As revelações quanto à sua condição de Morte começam a aparecer a partir de supostas vozes alheias, que fazem com que o narrador cogite a possibilidade de estar sonhando. Com o surgimento das vozes lhe é sugerida a responsabilidade por outras mortes e, com isso, aumenta a tendência a evitar momentos de proximidade com outras pessoas.

Quanto mais refletia sobre a possibilidade absurda de ser Morte, mais levantava questões sobre como aquilo funcionava e o quanto podia controlar. Lembra-se que já houvera desejado que alguém morresse e nada aconteceu, no entanto, pessoas queridas morreram em situações em que era suspeitável a sua

responsabilidade, mesmo que indiretamente. Com o propósito de tirar sua dúvida a limpo, aproveitou para convidar Leandro, um desagradável conhecido, para um passeio. Um acidente de carro acontece antes de chegarem ao destino e Leandro morre no hospital, enquanto o protagonista sai ileso.

Mais tarde, Helena, uma das muitas namoradas que tivera, é assassinada. O narrador é preso como suspeito. Novamente ouve as vozes, que lhe dizem sobre ser morte e agora ter consciência disso e que por esses motivos não deve se preocupar com a prisão. No outro dia, ganha a liberdade e prendem o verdadeiro criminoso.

Depois da morte de Helena e de as tais vozes declararem que ele já tem consciência de que é Morte, passa a participar da reunião periódica de Mortes denominada Thanatus⁸ House. Nesta, faz todo o tipo de testes para saber se sonha ou está acordado.

Seguramente, saber que se é Morte representa algum tipo de perigo para o poder vigente entre as Mortes e os rumos que são influenciados por essa sociedade secreta e, por isso, com a suposta tomada de consciência, é que se passa a ocupar um espaço de poder entre as Mortes. Thanatus House é como um espaço institucional de disputa de ideias, de posições. Portanto, aqueles que têm consciência, podendo articular-se por qualquer outra via, são encaminhados a este fórum, que serve também como um mecanismo de controle.

Contudo, o narrador acaba indo parar nesse fórum, sem saber tanto quanto sabiam os outros que lá estavam. Não sabia do que se tratava aquele espaço, não tinha certeza sobre ser Morte, nem noção alguma do seu potencial na “produção do seu trabalho”, surpreendendo-se ao ser apontado como uma jovem Morte exemplar. Indiretamente matara muito mais do que contabilizava até o momento, por meio de seus empreendimentos no ramo alimentício, a saber, o sumo de burujandu, além de prometer muito ainda com a carne de pterossauro.

Seguindo com a dúvida sobre ter sonhado ou não, chega a mandar suspender a produção do burujandu e o projeto com a carne de pterossauro. Todavia é convencido do contrário com argumentos de que na era industrial tudo faz mal e de que mesmo fazendo mal serve do ponto de vista da geração de empregos, tanto para os que produzem o sumo, como para os que trabalham em função das

⁸ Tânato ou Thanatos é a personificação da morte na mitologia grega.

doenças que a bebida causa. Mais tarde, a carne de pterossauro deixa de ser apenas um projeto e vai também para a mesa das pessoas, tendo o mesmo êxito do burujandu.

Se nos momentos em que recorda a juventude ridiculariza a militância, em Thanatus House há espaço novamente para um teor mais conspiratório. Como foi dito anteriormente, na parte fantástica do enredo a história pode ser alterada a partir de agentes conscientes e até mesmo depende deles. Portanto, as disputas políticas e ideológicas fazem sentido neste local, ao contrário do que é expresso na parte que mais se aproxima da realidade empírica. Assim, nessas duas partes, desenha-se um paralelo que marca a dúvida quanto a (in)eficácia do ideal socialista. A via que tende a dar mais crédito ao socialismo é mais especial nesta análise, justamente porque faremos uma comparação das Mortes com o Proletariado, por se aproximarem em muitos pontos.

A partir do momento em que tornamos explicáveis os elementos do fantástico, argumentando que há alegoria na narrativa, segundo a visão de Todorov, ela deixa de ser fantástica. Essa oposição diametral entre o fantástico e o alegórico é uma das muitas limitações na caracterização da narrativa fantástica proposta por Todorov. Segundo a autora Irène Bessièrre, o escritor da narrativa fantástica cria um universo onde se passam fenômenos sobrenaturais, situações insólitas e outros acontecimentos dessa ordem. Este universo é um simulacro daquele em que o leitor vive; por isso, mesmo na narrativa, tais acontecimentos parecem impossíveis. Desse modo, as duas caracterizações convergem no ponto da hesitação se dar nos níveis da produção e da recepção, com o qual concordamos e conseguimos aplicar ao texto em análise. Mas aqui, ousamos dizer, a narrativa é, ao mesmo tempo, fantástica e alegórica por mais um motivo: porque o fantástico como estratégia narrativa é um gênero privilegiado para criar um mundo imaginário ideal para representar a realidade de forma alegórica de uma maneira mais confortável por poder contar com recursos do absurdo. Essa fusão dos elementos sobrenaturais à realidade acontece de forma diferente ao que ocorre no Realismo Fantástico da América Latina da segunda metade do século XX, pois neste o irreal aparece como algo possível na trama, sem surpreender as personagens.

Conforme Oliveira Filho, a combinação entre o fantástico e o alegórico

expressa-se da seguinte forma:

Na coerência interna que o texto fantástico cria e que é seu modo de operar o estranhamento da realidade não deixa de haver também uma certa atmosfera de melancolia, de insatisfação, de não-aceitação da realidade problemática, como fruto, talvez, de uma espécie de “nostalgia” de algo perdido, de um mundo cujo sentido não é mais familiar. (OLIVEIRA FILHO, 2008, p.2)

5.5 A crítica à sociedade do consumo

A crítica à sociedade de consumo feita por Abelaira em *O Triunfo da Morte* em muito se assemelha ao que entende por consumo o filósofo Zygmunt Bauman em sua obra *Modernidade Líquida* (BAUMAN, 2001). O fenômeno de liquefação social descrito por Bauman e suas implicações para as diferentes esferas da vida humana aproximam-se do modo como Abelaira descreve o consumo como articulador da vida das pessoas, determinando as suas necessidades, o modo como se relacionam e as suas expectativas.

No romance, o consumo é tanto causa de profundas distorções nas relações humanas, como também a causa delas. Busca-se preencher os vazios de toda ordem através do consumo. Porém, esta é uma busca incessante, pois a sociedade que torna o consumo tão central em nossas vidas acaba por criar esses vazios.

A criação de necessidades imposta por essa lógica nos é apresentada, no romance, primeiro por meio de uma clara alusão ao refrigerante Coca-Cola e depois por uma alusão aos embutidos. É criado o sumo de burujandu, refresco gaseificado, totalmente artificial, que não tem cor, nem sabor de nenhum fruto existente. Assim, a bebida converte-se em artigo de primeira necessidade, apesar de serem reconhecidos os seus males. Mas assim como a ciência vai contra o sumo de burujandu, alertando para os prejuízos que a bebida pode causar à saúde humana, também é por meio de subsídios científicos que o consumo do produto torna-se cada vez mais necessário. Com o intuito de dar veracidade a tudo que a publicidade inculcou nas mais diferentes culturas, ou mesmo por se ter perdido, em algum momento, a noção de que um dia tudo isso foi inventado, buscava-se evidências de

que o fruto já existira. Com isso, o burujandu estava acima de contradições ideológicas e cada vez mais se universalizava, tornava-se parte das tradições culturais dos mais diversos povos e ramos epistemológicos. Mais além, a carne de pterossauro entra no mercado, sendo produzida e consumida nos mesmos moldes do sumo de burujandu.

6. ALIENAÇÃO DO TRABALHO, VIDA E SUA DESTRUIÇÃO EM O TRIUNFO DA MORTE

Neste capítulo, fazemos uma abordagem da perspectiva alegórica, na qual comparamos as Mortes ao Proletariado. Obviamente, não há interesse em apenas encaixar elementos da narrativa em moldes prontos conformados pela teoria. Queremos demonstrar, com o destaque de alguns pontos, que é possível enxergarmos, no romance, um esquema de representações que demonstra que as coincidências não são aleatórias, mas sim indício da possibilidade de que Abelaira estivesse ressignificando a realidade a partir de símbolos e imagens que trazia da herança socialista.

Partindo para a análise, afirmamos que o materialismo histórico-dialético apresenta diversos tipos de trabalho, em uma meticulosa classificação. Aqui, queremos prescindir dessa classificação, usando apenas do caráter mais geral dessa categoria para classificar o “matar” como trabalho. No texto analisado, o caráter mais geral corresponde a considerarmos que o trabalho e todas as suas mediações existam ontologicamente apenas em função do carecimento material do homem (Lukács, 1968). A intenção é unificar as especificidades de cada subclassificação e não esbarrar na complexidade de como a ação do trabalho das Mortes aparece no livro, misturando vários tipos de trabalho. Em um segundo momento, mais interessante para nós, queremos colocar que esse trabalho aparece no sistema capitalista, sendo a presença da *alienação* o que nos dá mais elementos para essa caracterização.

Agusto Abelaira, por meio da imagem alegórica das mortes como trabalhadoras, sem noção do produto do seu trabalho e sem o direito de questionar sobre os desdobramentos do seu ofício sob pena de perderem a própria vida (a imortalidade), nos permite interpretar uma referência à contradição entre criação e destruição da vida assumida pelo trabalho no sistema capitalista.

A narrativa fragmentária, a ideia de sinfonia, a representação de múltiplos atores sociais e o paralelo entre o fantástico e o próximo da realidade empírica tornam o discurso fluido. Da fluidez desse discurso podemos depreender várias vozes ideológicas que remontam à sociedade do trabalho por meio da alegoria, que

ora coloca em cena a voz do burguês, ora, a do trabalhador. Nas palavras do narrador, em contradição com sua afirmação anterior de que não há alegoria no que escreve: “Ainda escrevo como se A significasse B. Ainda não aprendi a falar de A, falando de A” (ABELAIRA, 1981, p. 54).

A metáfora da Morte como Operário reflete questões da contemporaneidade, que compreendem principalmente a base de produção capitalista. Embora o romance dê marcas de se afinar com uma estética crítica, que põe elementos de um quadro histórico específico, os problemas da forma e o modo como o assunto é trabalhado permitem uma leitura diferente, mais fechada no texto. Por isso, nesta análise particularmente, optamos por focar mais no texto em si do que no seu momento histórico de produção.

Doravante faremos a análise por meio da extração de trechos do texto, apontando as aproximações entre eles e o bloco teórico já exposto e fazendo algumas reflexões sobre os pontos que edificam o esquema de representações que conforma a alegoria que afirmamos haver.

A primeira pista sobre a ideia da falta de controle sobre o resultado de sua ação, por parte do narrador, aparece no capítulo 8:

Casos de pessoas mortas por ação indirecta. Sim, se em dados instantes não dissesse certas palavras, feito certos gestos, manifestado certos desejos... Em vez de propor <<Vamos a uma corrida>>, em vez de acenar à Luísa... Efectivamente, sou o **involuntário responsável** por estas mortes, sem mim o Carlos Manuel e a Luísa continuariam vivos. (ABELAIRA, 1981, p. 7, grifos nossos.)

Ao mesmo tempo, também é o primeiro indício no texto de que ele já tem alguma consciência do que produz. Só é possível, para ele, contar desse jeito e atribuir a si mesmo tais adjetivos (involuntário e responsável) por estar no caminho da tomada de consciência do processo de *alienação*. Compreender que as mortes não dependem de sua vontade e ainda assim reconhecer sua responsabilidade demonstra um sentimento de impotência, *estranhamento* frente à situação, na medida em que é uma ação dele, embora indireta. Pensando no que poderia ter feito

para que sua ação resultasse em algo diferente, narrador demonstra estar em vias de notar que existe aí um trabalho *alienado*; realizado por ele, mas fora de seu controle.

A tomada de consciência quanto à alienação de sua ação começa a ser sugerida, na narrativa, no capítulo 52, após um sonho em que uma voz diz logo no início do capítulo: “<<Agora passarás a ter consciência>>” (ABELAIRA, 1981, p. 55). Tal passagem nos permite interpretar uma possível analogia ao fato de a consciência de classe vir de fora. Lênin, em seus escritos sobre a necessidade do partido revolucionário, diz que a consciência vem de fora.

Os operários, já dissemos, não podiam ter ainda a consciência social-democrata. Esta só podia chegar até eles a partir de fora. A história de todos os países atesta que, pela próprias forças, a classe operária não pode chegar senão à consciência sindical, isto é, à convicção de que é preciso unir-se em sindicatos, conduzir a luta contra os patrões, exigir do governo essas ou aquelas leis necessárias aos operários, etc. Quanto à doutrina socialista, nasceu das teorias filosóficas, históricas, econômicas elaboradas pelos representantes instruídos das classes proprietárias, pelos intelectuais. (LÊNIN, 1979, p. 25)

Para a o trabalhador, submetido a uma jornada embrutecedora e cercado pela ideologia da classe dominante, é impossível apropriar-se do histórico da classe trabalhadora sem a contrapressão ideológica não-hegemônica dos que se dedicam a fazê-la. Esta afirmação de Lênin diz que a teoria é exterior à classe operária, mas que o partido é a organização que liga a teoria revolucionária ao movimento e que, por isso, potencializa o desenvolvimento deste último.

Como parte ainda da falta de reconhecimento como classe explorada e oprimida, o individualismo inculcado pela ideologia do capital é um dos instrumentos ideológicos mais eficientes para desunir aqueles que sofrem a exploração. É o sentimento de individualismo um dos maiores degeneradores da alma humana nesse sistema, pois, além de não ser compatível com a fraternidade e a solidariedade de classe, é também o que faz valer a moral do vale tudo em nossa sociedade. Uma moral em que vale passar por cima dos outros, tirar vantagem, seja

de um cargo, seja da caixa do supermercado que errou no cálculo do troco. Com tudo isso, também é muito difícil confiarmos uns nos outros, e acaba sendo sempre mais “sensato” cuidar da própria vida que unir-se a outras pessoas em prol de uma causa comum. No romance, o instrumento utilizado para que não se reconheçam, na Terra, é a mascarilha. Em um diálogo, pela primeira vez em *Thanatus House*, o narrador faz uma série de perguntas à outra Morte e uma delas é sobre a mascarilha.

- Porque usamos mascarilha?

- Para não nos reconhecermos lá em baixo. Talvez o teu melhor amigo também seja morte, mas nunca poderás saber. E se lhe confessasses tudo, perderias a imortalidade, denunciar-te-ia imediatamente. Pelo menos obrigam-no a isso. Um processo de vigiarmos uns aos outros, proibidos de revelar o nosso segredo quer aos mortais, quer aos imortais. (ABELAIRA, 1981, p. 74.)

É pelo controle ideológico que não se forja a identidade de Morte enquanto grupo ou categoria. O processo de vigiarem-se uns aos outros atende aos interesses de quem quer manter a ordem vigente. Ainda assim, o sujeito de tal situação são as próprias Mortes que atravessadas pelas ideias dominantes, são os principais pilares para a manutenção do *status quo*.

A alegoria da mascarilha representa os obstáculos que a ideologia da classe burguesa coloca para que o proletariado não se reconheça enquanto tal, todos os “riscos” que se corre ao tentar burlar as regras e, inclusive as perseguições à classe trabalhadora, que vão desde um plano abstrato, por meio do controle ideológico, até um plano mais concreto, através do aparato repressivo do Estado, quando não da própria patronal.

No capítulo 79, está expressa, de forma mais nítida e bem acabada, a contradição entre a ação das mortes resultar em algo alheio a elas e, ao mesmo tempo, ser algo em que o seu sujeito deveria realizar-se. Esta ideia é colocada na voz do próprio narrador. Primeiro, dentro da metáfora:

- Trabalhamos sem conhecer a finalidade do nosso trabalho. Matamos, mas nunca vemos o resultado último da nossa tarefa.

Como desempenharemos então cabalmente este ofício, como concentrarmos nele a realização da nossa realidade mais profunda? (ABELAIRA, 1981, p. 93.)

Logo mais, fazendo uma analogia com a condição do operário, no mesmo capítulo:

O operário que se limita a trabalhar numa cadeia de produção sem nunca ver o objeto acabado para o qual contribui não se realiza como homem total. E não sucede precisamente o mesmo conosco? Não derivará daí o nosso fracasso, até uma certa má consciência? Obrigamo-nos a um trabalho fragmentado, cego. Matamos. Certíssimo, não discuto. Mas para que serve matar? Qual o objectivo dos nossos esforços no contexto geral do mundo? (ABELAIRA, 1981, p. 93.)

Abelaira demonstra, nestes trechos, que conhece perfeitamente a definição do processo de trabalho para o materialismo histórico-dialético, que figura no atual sistema econômico, no qual a essência humana do proletariado se objetiva no produto de seu trabalho e convertida em capital se contrapõe ao trabalhador; transferida a outrem como propriedade, parecendo irrecuperável.

Ainda tratando do último trecho citado, podemos abordar a questão da determinação da consciência. É possível entendermos que há relações entre a condição material das Mortes e a sua consciência. Consideramos para tal afirmação uma elaboração de Marx, que pode ser observada em muitos textos, sobre a determinação da consciência. Um deles é o *Prefácio a Uma Contribuição à Crítica da Economia Política*, do qual extraímos o trecho a seguir:

[...] na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção que correspondem a uma determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção

da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência do homem que determina o seu ser, mas, pelo contrário, o seu ser social é que determina a sua consciência. (MARX, 1859, p. 2⁹)

Tais conexões só podem ser feitas diretamente com os conceitos pelo leitor que alguma vez já se aproximou da teoria dos pensadores do materialismo histórico-dialético. Para o leitor que nunca passou por essa experiência, o texto pode produzir um sentido que o leve a fazer essas relações, de forma intuitiva, por meio da comparação posta no texto. Pois, seja qual for a bagagem de leitura, sempre haverá, por parte do leitor, o esforço em reconhecer os conflitos do enredo no mundo em que se insere. No âmbito da metanarração, no diálogo travado com o leitor, o narrador faz uma pergunta, no capítulo 87, que incentiva o leitor a pensar sobre a questão de o texto mexer com sentimentos, conflitos e leituras que carregamos: “Fazem um esforço para interpretar essas fantasias como se significassem outras coisas, essas sim reais? Ou porque bruxas e fantasmas agitam em nós medos vindos de longe, das cavernas distantes?” (ABELAIRA, 1981, p. 107.)

Se na alegoria o antagonismo de classes desloca o proletariado para uma representação metafórica, como Morte, com a burguesia isso não acontece diretamente. No romance, não há algo que nos permita fazer esse contraponto, no universo fantástico. Porém, seguindo o binarismo da sociedade de classes e algumas pistas de que o comando da sociedade das Mortes está nas mãos de alguém que teme uma revolução socialista, podemos fazer algumas associações entre o que parece controlar a sociedade das Mortes e o controle estatal burguês, consoante a definição de Estado de Bottomore 2001:

Estado Conceito de importância fundamental no pensamento marxista, que considera o Estado como instituição que acima de todas as outras, tem como função assegurar e conservar a dominação e a exploração de classe. A concepção marxista clássica de Estado está expressa na famosa formulação de Marx e Engels no *Manifesto Comunista*: “O Executivo do Estado moderno nada mais é do que um comitê para a administração dos

⁹ Localização eletrônica: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/tme_15.pdf

assuntos comuns de toda a burguesia”. Embora seja mais complexa do que parece a primeira vista, esta é uma afirmação demasiado sumária e que se presta à simplificação exagerada. Apesar disto, traduz efetivamente a proposição central do marxismo com relação ao Estado. [...] (BOTTOMORE, 2001, p. 133)

Nesse sentido, a burguesia é alegoricamente representada por uma metáfora de seu Estado. Um dos elementos que pode viabilizar essa interpretação emerge ao prestarmos atenção no que seria Thanatus House dentro dessa sociedade, um organismo de poder, mas institucional, o que pode ser comparado aos espaços de poder garantidos pela democracia burguesa: os sindicatos ou o parlamento.

Do ponto de vista da alienação, há passagens na narrativa que nos possibilitam deduzir que o trabalho das Mortes, tem uma função social, de controle. As intervenções de outras Mortes, em Thanatus House, no capítulo 79, dão boas pistas disso:

- Permitam-me que continue. Perguntava eu: se, efetivamente, se reconhece em nós alguma utilidade, porque matamos os homens em vez de os deixar com vida? E tão cedo, precisamente quando começam a saber alguma coisa. Qual o objetivo? Não peço mais... De súbito: - Consultei várias estatísticas e descobri uma conspiração para matar os melhores...
 - Absurdo! Todos morrem, os melhores e os piores...
 - ... os melhores morrem mais cedo que os piores, posso prová-lo. Sobretudo em política, os homens generosos morrem jovens.
 - Quem manda desencadear revoluções? Conspirar? Querer transformar o mundo? Se aceitassem o mundo tal qual existe... - Caim.
 - A morte tem-se revelado reaccionária, penso.
- O presidente da mesa indignou-se:
- Não compreendo, nenhuma lei impede...
 - Perdão! Nenhuma lei escrita, mas as indicações verbais, telefónicas, às vezes?

- Que quer dizer?
 - Dou um exemplo particular. Em 1943 tentei matar Hitler e no último minuto recebi uma ordem telefónica, ameaçando-me.
 - Mostre essa ordem!
 - Telefónica...
- O presidente levantou-se impondo silêncio:
- Peço-lhe que retire as suas palavras...
 - O outro perdeu a cabeça:
 - Tanto quanto sei, e com raras excepções, todos os mortais recrutados para Morte eram reaccionários. Porque não convidaram Descartes, Diderot, Marx, Russel, Francisco de Assis?
- Parecia excitadíssimo. (ABELAIRA, 1981, p. 95 - 96)

Diante de uma argumentação tão efervescente por parte da Morte que questiona sobre a utilidade de seu trabalho e de tantas respostas que confirmam suas proposições, o presidente encerra o diálogo afirmando que a função social da morte é o controle demográfico. “- A morte desempenha uma função social importantíssima, graças a ela as populações renovam-se, sem ela a população mundial cresceria de tal modo que dentro de trinta anos a vida tornar-se-ia impossível.” (ABELAIRA, 1981, p. 96)

Podemos observar então, que, a partir dos elementos que constroem o sentido de alienação do trabalho das Mortes, o autor tece uma teia complexa de comparação entre o pensamento filosófico de Marx e Engels e o enredo do livro para engendrar os fundamentos da construção alegórica do texto ficcional. É a partir da noção de *trabalho alienado* que podemos perceber outros conceitos da mesma linha teórica incrustados no texto, tais como os que já trouxemos até este ponto de nossa análise.

Para finalizá-la, nos arremates do raciocínio, vale a pena trabalhar as noções de *luta de classes*, *ideologia* e *revolução*. Falando sobre a História, no capítulo 86, o autor protagonista diz “... em termos muito gerais, os homens dividem-se em dois grupos. De um lado aquela meia dúzia que faz a história, os que sofrem do outro.” (ABELAIRA, 1981, p. 104) Este trecho, ao passo que mostra a oposição entre os que fazem e os que sofrem, aparece como um modo de representar o *antagonismo*

de classes, no qual o caráter antagônico das classes colocado pelas relações de produção desencadeia interesses contraditórios e irreconciliáveis enquanto se perpetuar esta relação. O fato de **fazerem a História**, também representa o controle ideológico necessário à imposição e manutenção de uma determinada ordem social. Fazendo referência então, não apenas à existência de duas classes que se opõem, o trecho também faz menção ao fato de a classe dominante ser quem controla ideologicamente a sociedade em uma determinada época; e parte disso é a construção de sua História.

Ainda sobre ideologia, temos diferentes vozes ideológicas, que se podem distinguir a cada alteração do ponto de vista do narrador. Trabalhamos, ao longo da análise, com maior ênfase nos momentos em que o lugar da fala corresponde à voz do explorado. Mas em alguns momentos também nos interessa o outro lado, o ponto de vista do explorador, que aparece principalmente quando o narrador relata suas experiências como empresário, quando temos a oportunidade de ter contato com a voz do burguês convicto. Ainda no mesmo capítulo, logo após a passagem que citamos como expressão da luta de classes e do controle ideológico por parte da classe dominante, o narrador aparece com a voz ideológica da burguesia: "... o comum dos mortais sofreu a história que lhes impus – e impus sem cuidar dos interesses deles, das necessidades deles." (ABELAIRA, 1981, p. 105) Na mesma página, ainda com a mesma voz, teme a revolução:

Preocupa-me agora isto: na origem eu, grande senhor. A Humanidade protestará um dia, e mais: obrigará as pessoas como eu a deixarem de ver nos homens simples consumidores passivos sem necessidades próprias. De qualquer modo, ainda não chegou o tempo de a Humanidade viver no mundo desejado, em vez de viver no mundo que lhe impõe. Até lá sentir-me-ei deus.

Como pudemos ver, a revolução aparece, mas como algo para um dia e não para o momento. É assim que a revolução aparece na parte fantástica do romance, como algo necessário para a libertação da humanidade, pois se os que sofrem estão do lado contrário aos que fazem a história, existe a necessidade de uma revolução para que a humanidade possa viver no mundo desejado. Porém, o narrador coloca

que até o momento em que seja feita a revolução irá se sentir deus. Dessa forma, a narrativa expressa crédito nas possibilidades de haver revolução, como algo que acontecerá; mas que no momento não é preocupação para quem perderá com ela. Apesar de necessária, a revolução ainda é algo inconcebível para o momento e aparece como tal por tempo indeterminado.

No capítulo 91, conversando com um velhote no inferno, a revolução aparece como uma esperança, como algo que só há vantagens em se fazer, “até para escaparem do inferno”, segundo o velho, (ABELAIRA, 1981, p. 112). Depois, no capítulo 94, falando sobre os itinerários que sua vida oferece para a o enredo do livro, outra vez vemos a ideia da revolução para sabe-se lá quando, uma vez que o narrador diz que sabe que ela será depois de sua morte, sendo ele imortal.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante nossa análise, desenvolvemos algumas intuições que nos permitem apontar, como hipótese, o desenho de um esquema de representações que traz algumas ligações entre *O Triunfo da Morte* e alguns conceitos do materialismo histórico-dialético. Esses pontos de contato foram expostos ao longo da monografia, revelando o domínio do autor quanto à teoria referida, bem como seus encantos e desencantos com ela. A dúvida quanto ao ideal socialista é disseminada a partir da presença da zombaria e da esperança de algo redentor.

No limiar da análise apontamos alguns recursos narrativos que conformam o jogo de linguagem do autor. Foram: a metanarração, a estética fragmentária, o fantástico e a alegoria. A metanarração e a estética fragmentária são recursos que dão familiaridade ao texto, à medida que o autor os utiliza aliados a uma materialização do leitor. Com este *tu* o narrador dialoga sobre a escolha dos temas, do momento de trazer uma nova história à tona ou de resgatar outra, informando assim sobre as suas escolhas na construção literária. Os recursos fantástico e alegórico também se combinam. Esta aliança se dá a partir da escolha do autor em nos trazer a alegoria por meio do absurdo, tanto para o mundo do leitor como para o mundo das personagens, criando um imaginário ideal para as representações da realidade e dos conceitos.

Retomando a ideia das Mortes como Proletariado, esta aparece por meio da alienação do produto de seu trabalho, bem como a alienação do direito a ele. Uma vez que lhes é vedado controle sobre as mortes que provocam.

Quando passam a tomar consciência do processo, o resultado de sua ação torna-se-lhes ainda mais hostil, por não terem mais segurança ao se aproximarem de alguém. Esta tomada de consciência faz com que passem a ocupar um espaço de poder, que é um espaço de disputa, mas institucional. O pertencimento a esse espaço, Thanatus House, garante que essas Mortes tenham a oportunidade de disputarem internamente e questionarem quanto ao modo de funcionar a sua sociedade, porém também é aí que são orientadas quanto ao modo de se relacionarem umas com as outras. Os mecanismos de controle da sociedade das Mortes, não permitindo que elas forjem uma identidade de grupo, são a

representação do controle ideológico a que está submetida a classe trabalhadora para que não se reconheça enquanto classe. As ideias da classe dominante são disseminadas por quem comanda a sociedade das Morte que faz algumas alusões ao que seria o controle estatal burguês.

Por fim, retomando o entendimento do trabalho no seu caráter ontológico e sua dupla face no sistema capitalista juntamente com o paralelo colocado pelo autor entre crédito e descrédito no socialismo, temos um fechamento no qual a morte triunfa. Podemos dizer que se o trabalho é criação e destruição da vida no sistema capitalista; e o autor coloca a revolução como algo inconcebível, para o momento; apesar de necessário; quem triunfa é o capitalismo. Se o trabalho enquanto categoria imanente ao ser humano pode assumir uma segunda dimensão, esta negativa a depender do modo de produção vigente; sendo sabido que no modo de produção capitalista existe essa dupla dimensão do trabalho; triunfando a destruição, a morte; é o capitalismo quem triunfa. Porém, afirmando que, por agora, é o capitalismo quem triunfa; para o autor, ainda está colocada a centralidade do trabalho. E, portanto, ainda vivemos na sociedade do trabalho.

8. REFERÊNCIAS

ABELAIRA, A. O Triunfo da Morte. Lisboa. Sá da Costa, 1981.

BESSIÈRE, Irène. “O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha”. Revista Fronteiraz, vol. 3, nº 3, Setembro/2009. [p. 185 – 202]

BOTTOMORE, T. Dicionário do pensamento marxista. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 1988.

ENGELS, F. papel do trabalho na transformação do macaco em homem In: _____. O papel da cultura nas ciências sociais. Porto Alegre : Villa Martha, 1980. 114 p.

FARIA, Ana Lúcia G. de. *Ideologia no livro didático*. 3. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1985.

FRIGOTTO, G. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: _____.
_____.

FRIGOTTO, G. & CIAVATTA, M. (Orgs.) A Experiência do Trabalho e a Educação Básica. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

GOMES, M. P. *Um estado da arte do trabalho infanto-juvenil nas universidades do estado do Rio Grande do Sul*. 142 f, Dissertação de Mestrado – UFRGS. Prto Alegre, 2013.

GRAMSCI, A. Cadernos do cárcere. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Volume 2, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

HABERMAS, J. A Nova Intransparência: A Crise do Estado de Bem Estar Social e o Esgotamento das Energias Utópicas. In: Revista Novos Estudos CEB RAP. São Paulo, Nº 18, 1987.

LÊNIN, V. I. *Que fazer? As Questões Palpitantes do Nosso Movimento*. São Paulo: Editora Hucitec, 1979.

LUKÁCS, G. *As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem*. 1968. Localização eletrônica: http://www.giovannialves.org/Bases_Luk%E1cs.pdf

MARX, K. *O Capital*. Rio de Janeiro, L. 1, v. 1, 1975.

MARX, Karl. *O capital*. 1867. Localização eletrônica: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/index.htm>

MARX, K. *Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Martins Fontes. 1977.

MARX, K. *Uma Contribuição à Crítica da Economia Política*. 1859. The Marxist Internet Archive. Localização eletrônica: http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_fontes/acer_marx/tme_15.pdf

MARX, K. E ENGELS, F. *La Ideología Alemana*. Montevideo y Barcelona: Pueblos Unidos y Grijalbo, 1972.

OLIVEIRA FILHO, O. J. *A incoerência coerente: a alegoria e o fantástico em José Saramago*, Luciana Paiva - "Escrita marginal brasileira no cenário cultural do capitalismo tardio" XI Congresso Internacional da ABRALIC, Tessituras, Interações, Convergências. São Paulo, julho de 2008.

SARTORI, E. L. *Imagens Líquidas na obra de Augusto Abelaira: Sujeito e história na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, 2007.

SILVA, N. U. *A sinfonia narrativa de Augusto Abelaira: A metaficção em O Triunfo da Morte*. 99 f, Dissertação de Mestrado – UFRGS. Prto Alegre, 2009.

SIMÕES, R. H. A. S. *O Triunfo da Morte, de Augusto Abelaira: um inventário*

sintomático, insólito e paródico das antinomias pós-modernas. 96 f. Dissertação de Mestrado – FURG. Rio Grande, 2010.

TODOROV, T. Introdução à literatura fantástica. São Paulo: Perspectiva, 2010.